

ESPIRITUALIDADE E ANCESTRALIDADE INDÍGENAS EM A CURA DA TERRA, DE ELIANE POTIGUARA*

Carlos Augusto de MELO[√]
Heliene Rosa da COSTA^{√√}

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar de que formas a espiritualidade e a ancestralidade indígenas estão experimentadas na narrativa infantil **A Cura da Terra** (2015), da escritora indígena brasileira Eliane Potiguara. Verifica-se que, nessa obra, há a presença de uma cosmovisão étnica em que, sob os parâmetros autobiográficos, como propõe Rago (2013), o olhar da mulher indígena engendra o processo composicional da escrita. Nesse sentido, as trajetórias individual e coletiva da escritora, que permeiam de formas significativas o projeto literário de Eliane Potiguara, revelam-se nessa narrativa dentro dos liames dos processos violentos de desterritorialização no Brasil, como a diáspora forçada das famílias indígenas e seus desdobramentos. Este trabalho alia-se às produções e às difusões de conhecimentos sobre a escrita literária dos intelectuais indígenas, com intuito de contribuir para minimizar questões relacionadas ao preconceito contra os povos indígenas. A pesquisa bibliográfica qualitativa e interpretativa será desenvolvida nessa análise buscando a compreensão de aspectos a partir de textos teóricos de escritores indígenas e não indígenas, como os de Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Margareth Rago, Márcia Kambeba, Cristino Wapichana, Tiago Hakiy, Julie Dorrico, Biraci Yawanawá, entre outros.

Palavras-chave: Literaturas indígenas. Eliane Potiguara. **A Cura da Terra.**

* Artigo recebido em 30 de setembro e aprovado em 22 de novembro de 2019.

[√] Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor do Núcleo de Literatura do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPLET) na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: <carloaug.melo@gmail.com>

^{√√} Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPLET) na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestra em Linguística Textual pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora de Língua Portuguesa e Literatura na Rede Municipal de Ensino, Secretaria Municipal de Educação, da Prefeitura Municipal de Uberlândia. E-mail: <hrosacosta@yahoo.com.br>

1 AS LITERATURAS DE AUTORIA INDÍGENA NO BRASIL

As manifestações literárias dos intelectuais indígenas brasileiros são relativamente recentes na história da literatura brasileira e se tornaram mais abundantes após o período de implantação das escolas indígenas nas aldeias. São obras que contemplam e projetam para fora do espaço das florestas a cultura das diversas comunidades com suas línguas, costumes e mitos cosmogônicos diferenciados. A literatura é um dos meios de ruptura com o silenciamento secular das subjetividades e das vozes indígenas amalgamadas ao complexo tecido da sociedade brasileira, mas dissonantes pela expressão estética calcada na ancestralidade, na oralidade e nas tradições dos diversos povos.

A luta pelo reconhecimento dessas produções faz parte de um conjunto de estratégias desenvolvidas por intelectuais, artistas e lideranças indígenas, que visa conquistar respeito, visibilidade e reconhecimento de seu valor por parte da sociedade não indígena, dessa forma, o público leitor pode conhecer as histórias, as memórias, as tradições, os pensamentos e as riquezas culturais dos indígenas, como instrumento para reafirmação da existência e da luta desses povos, tradicionalmente invisibilizados pelo discurso oficial hegemônico. Nesse sentido, os escritores indígenas apropriaram-se das técnicas da escrita literária (DE MELO; COSTA, 2017, p. 34) para, em outra instância artística, trazer a voz dos antepassados e reavivar a chama da ancestralidade, com o intuito de poder compartilhar as memórias das narrativas orais de suas comunidades e divulgar os pensamentos e as lutas ancestrais, fortalecendo as subjetividades nativas. Essas vozes autorreferenciais subvertem o sistema que, tradicionalmente, representa a vivência indígena apenas sob o ponto de vista de outras culturas dominadoras.

Alguns estudiosos tratam essa nova vertente literária, que emerge no seio da literatura brasileira para ressaltar os protagonismos e as vozes indígenas, como marca desse movimento político e social de reconhecimento da identidade e da ancestralidade, que caracterizam os seus intelectuais nativos. Nessa perspectiva, o premiado autor de livros infanto-juvenis, Cristino Wapichana, ressalta a importância da pluralidade de subjetividades que as produções literárias de autoria indígena contemporânea agregam ao conjunto da história da literatura brasileira, uma vez que

o riquíssimo patrimônio cultural e simbólico do povo brasileiro, até então desconhecido do público leitor e de grande parte da sociedade não indígena, torna-se amplamente acessível pela expressão literária dos autores indígenas em língua portuguesa. Para esse escritor:

A importância para a sociedade brasileira é que, com essas literaturas, se conhece essa diversidade, e quem sabe a partir daí começam a ter um outro olhar, que as sociedades indígenas são um povo, uma nação indígena. O Brasil tem 305 povos oficiais, que falam 274 línguas e, a partir dessa literatura, se começa a entender essa diversidade. (WAPICHANA, 2018, p. 76).

Essas literaturas indígenas se consolidam no cenário artístico e intelectual do Brasil ao reafirmarem os valores e a cultura dos diversos povos originários que compõem a sociedade brasileira. Reafirmam, ainda, a existência dessas diversas etnias, também integrantes à nacionalidade brasileira, oportunizando-lhes vozes e lugares de fala para que exponham suas subjetividades, suas histórias, suas culturas, suas lutas, suas resistências. E, eventualmente, possam corrigir distorções e incoerências disseminadas em razão do silenciamento histórico imposto a essas comunidades e da prevalência do ponto de vista ocidental a respeito delas e de suas culturas. Uma dessas vozes é da pioneira das letras indígenas, Eliane Potiguara, sobre quem se fará uma breve apresentação biobibliográfica antes da análise que se propõe neste artigo.

2 ELIANE POTIGUARA

No campo da literatura indígena escrita por mulheres, Eliane Potiguara destaca-se como uma das figuras principais. A ancestralidade é marca indelével da obra dessa professora que se dedicou à luta pelos direitos dos povos indígenas, sobretudo pela valorização das mulheres. Filha do povo Potiguara, Eliane Lima dos Santos nasceu na capital do estado do Rio de Janeiro, no ano de 1950, no seio de uma família indígena desaldeada (sua avó e tias foram desalojadas das terras ancestrais na Paraíba). A família de Eliane Potiguara foi forçada a migrar por causa

do desaparecimento do patriarca, o bisavô da escritora, Chico Solón¹, envolvido em conflitos relacionados ao recrutamento de trabalho indígena semiescravo para o agronegócio, possivelmente assassinado, após a implantação de uma indústria algodoeira na região paraibana. Assim, fugindo de perseguições, as mulheres de sua família deslocaram desse espaço para ocuparem uma pequena região do estado de Pernambuco e, logo depois, fixarem residência na capital carioca.

Na trajetória, uma dessas filhas potiguara, Maria de Lourdes, grávida aos doze anos, vítima de estupro em sua terra natal, deu à luz a Elza, mãe da escritora, em Pernambuco. Após a chegada ao Rio de Janeiro, durante algum tempo, perambularam pelas ruas da cidade e, logo depois, a avó, Maria de Lourdes, conseguiu uma tenda para comercializar bananas e, assim, pôde prover o sustento da família. A filha casou-se e, da união, nasceram Eliane Potiguara e seu irmão Carlos Alberto Lima dos Santos. Após a morte do marido, Elza passou a trabalhar como faxineira em uma empresa e precisou da ajuda de sua mãe, Maria de Lourdes, na criação dos filhos. Nas palavras da escritora:

Eu nasci no Morro da providência. Ali tinha um gueto indígena também. A minha família morou na rua, literalmente, porque não tinha lugar para ficar. E, como naquela região tinha um gueto judeu, em torno da rua General Pedra, onde está o viaduto e a antiga sede. Lá havia um reduto de imigrantes que vieram por causa da Segunda Guerra Mundial. [...] Eu lembro que esses judeus, eles conseguiram uma casa, numa vila onde só havia imigrantes, para a minha avó. Daí minha família inteira foi morar naquela casa. (POTIGUARA, 2019, p. 14-15).

Eliane, com seis anos de idade, iniciou o seu aprendizado da sabedoria indígena com a avó Potiguara. Segundo relatos pessoais da autora, ela passou os primeiros anos de sua infância enclausurada na pequena e pobre residência, pois sua família morava em um bairro socialmente comprometido e a avó queria preservá-la, por isso, levava sempre a neta à escola, quando de sua alfabetização.

¹ De acordo com Eliane Potiguara, em entrevista à Revista Estudos Feministas, no ano de 2002: “O índio Chico Solón, pai das meninas Maria de Lourdes, Maria Isabel e Maria Soledad, foi assassinado cruelmente por combater a invasão das terras tradicionais no Nordeste. Amarraram-lhe pedras aos pés, enfiaram-lhe a cabeça em um saco e o arremessaram ao fundo das águas do litoral paraibano”. O poema Identidade Indígena, publicado inicialmente no Jornal do Grumin, em 1975, e, posteriormente no livro **Metade Cara, Metade Máscara** (2004), foi composto em homenagem a Chico Solón, bisavô da autora.

Ao começar a ler e escrever, Potiguara lia e redigia cartas da avó aos parentes distantes.

O convívio com a matriarca indígena parece ter sido determinante para a definição do projeto de escrita de Eliane Potiguara. A constituição da narradora e dos princípios éticos e morais norteadores de sua trajetória como intelectual, mulher e militante pelos direitos dos povos e das mulheres indígenas foram sendo gestados a partir do reconhecimento das tradições e dos valores de sua cultura ancestral e, sobretudo, do reconhecimento da luta desvelada pelas entrelinhas das histórias e pelas lágrimas da anciã potiguara. A leitura tornou-se base de apoio que permitiu o enfrentamento dos preconceitos e dos desafios em busca de melhores condições de existência. Logo, por meio das práticas de leitura, Eliane Potiguara foi adquirindo conhecimentos e alcançando a compreensão acerca dos processos de exclusão e de estigmatização dos quais os indígenas têm sido vítimas.

Eliane formou-se em Letras: “Estava na Faculdade de Letras da UFRJ. Era aluna da Heloísa Buarque de Hollanda, em Literatura Brasileira” (POTIGUARA, 2019, p. 25). Em seguida, ingressou na Rede Municipal de Ensino da cidade do Rio de Janeiro como professora primária, o que viabilizou a sua busca pelo conhecimento, com o intuito de superação da subalternidade e do silenciamento individual e coletivo indígenas. Depois disso, a professora decidiu, por influência de sua já falecida avó, fazer o retorno ao seu lar ancestral na Paraíba e reencontrar suas matrizes indígenas. No início da década de 1970, a escritora partiu para a comunidade potiguara, no litoral paraibano:

Eu fui com as crianças: Tagira tinha dois meses de idade e a Moína já tinha três anos e pouco. E foi fantástico porque o cacique de lá, João Batista Faustino, que era um líder na época, disse assim: “a gente sempre escutou o pitiguari cantando: Eliane já vem, Eliane já vem, Eliane já vem...” O pitiguari é um pássaro muito importante para os Potiguaras. Então, o cacique estava dizendo que já tinha recebido a mensagem que eu estava chegando. (POTIGUARA, 2019, p. 28).

A imersão nesse universo ancestral despertou-lhe a consciência para a importância das demandas dos povos nativos e a necessidade de fomentar as lutas pelos seus direitos fundamentais. O compromisso com as mulheres e suas subjetividades tornou-se uma das bases sobre as quais a escritora erigiu o seu projeto de escrita literária. Inspirada pelas matriarcas da família, ela evocou a

sabedoria ancestral e assumiu o papel de intelectual feminista na defesa das mulheres e de sua grande família indígena. Em consonância com os princípios teóricos de Rago:

Desde cedo, a intelectual feminista busca outros passados e novos modos de narrar, de contar histórias e produzir conhecimento histórico, fora do discurso objetivo, seco e distante, o que constitui uma atitude fundamental para afirmação das mulheres e da cultura feminina no presente. (RAGO, 2013, p.307-308).

Nesse momento, então, Eliane Potiguara ingressa no movimento de luta e resistência indígena e, com o intuito de que seu trabalho ganhasse mais visibilidade, passa a investir na utilização de recursos da mídia tecnológica: administrar grupos, *blog* e páginas na *internet* para divulgar, em ambiente virtual, não apenas o seu trabalho, mas também a produção literária e artística, em amplo sentido, dos intelectuais e artistas indígenas ameríndios.

Potiguara tornou-se uma das primeiras porta-vozes das mulheres indígenas, em favor das quais criou e administra o Grupo Mulher – Educação Indígena e Rede de Comunicação Indígena (Grumin²), um espaço virtual, público e democrático, receptivo a denúncias, notícias, notas, *releases* e matérias jornalísticas sobre desrespeitos aos direitos dos povos originários:

Originalmente criado para favorecer a educação e a inserção social das mulheres indígenas, estabeleceu-se como mecanismo de luta em prol dos direitos dos povos originários, cujas demandas envolvem diversos temas: terra, territórios, trabalho, desenvolvimento, saúde, educação, questões raciais e de gênero. Além disso, tem-se constituído como importante meio para divulgação da literatura e demais artes produzidas pelos intelectuais indígenas brasileiros. (DE MELO; COSTA, 2018, p. 363).

Eliane Potiguara anuncia a sua voz, principalmente, por meio da escrita literária no universo virtual, com o qual trabalha em plena experiência de ação política. Os recursos das tecnologias da informação e da comunicação em espaços virtuais são amplamente utilizados como ferramentas para dinamizar o trabalho de divulgação da produção intelectual e artística dos indígenas. Desse modo, como afirma Kambeba, é possível perceber que a partir desse caminho literário nasce

² Conferir em: <http://www.grumin.org.br/>; <https://pt-br.facebook.com/grumin/>.

“outra ferramenta, se bem usada, de divulgação do pensamento indígena. Aos poucos vai-se (sic) ganhando um público leitor nas redes virtuais para uma literatura virtual, com o mesmo peso que a literatura publicada em papel” (KAMBEBA, 2018, p. 42). Sobre a importância das mídias digitais para divulgação da literatura e da militância da autora, Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2017, p. 99-100) reiteram:

Ao levar a redes sociais a cultura indígena, a escritora parece dar um passo adiante no já tão mencionado hibridismo. Aqui, a mestiçagem não se limita à vizinhança de ortografias e caligrafias díspares, como apontado antes, mas se expressa por diferentes suportes, da oralidade à escrita e ao mundo digital.

[...]

Eliane é ainda organizadora do primeiro *e-book* indígena (*Sol do Pensamento*, Grumin/Rede de Comunicação Indígena/Núcleo de Escritores Indígenas no INBRAPI).

O conjunto de sua obra traduz a complexidade da trajetória de intelectual militante, cuja atuação de amplo alcance a consolida como uma das precursoras da literatura contemporânea de autoria indígena, no Brasil, conforme atestam as palavras da pesquisadora Julie Dorrico:

Pela vida que está, sobretudo, representada na obra e de onde inicia este projeto, e pela voz, criativa, metonímica e ancestral, o projeto literário de Eliane enfatiza a mulher indígena na beleza, na força, na sabedoria e na resistência aos projetos coloniais e neocoloniais, dando forma a uma linguagem em prosa ou poesia, em diálogo intercultural, cuja matriz está em sua memória e na de seu povo, e que podemos acessá-la tão-somente pela propriedade autoral e intelectual dessa guerreira, mulher, indígena, no presente. (DORRICO, 2018, p.247).

Em termos bibliográficos, as principais publicações de Eliane Potiguara são: **A Terra é a Mãe do Índio** (1989); **Akajutibiró: terra do índio potiguara** (1994); **Metade Cara, Metade Máscara** (2004); **Sol do Pensamento** (2005), *e-book*; **O coco que guardava a noite** (2012); **O Pássaro Encantado** (2014); **A Cura da Terra** (2015). Além dos livros, ela participou também de diversas antologias produzidas no Brasil e no exterior, como por exemplo, **Cult**, antologia Poética, de agosto de 2019, organizada por Alberto Poeta, colaborador da **Revista Cult**; **Elas e as Letras: Diversidade e Resistência**, lançada em 2018, pela Versejar Edições Literárias, organização de Aldirene Máximo e Jullie Veiga e **Antologia Literária Mulher na Literatura Latino-Americana**, lançada em 2018, pela *Avant-Garde* Edições, entre

diversas outras. Potiguara também costuma publicar textos em seu *blog* pessoal, nas páginas e perfis no *Facebook*, bem como em *site* e grupos que administra em espaço virtual, cuja atualização ocorre com significativa frequência. É possível acessar o *site* oficial da escritora pelo link: <http://www.elianepotiguara.org.br>.

3 UMA LEITURA D'A *CURA DA TERRA*

O livro **A Cura da Terra** foi lançado pela Editora do Brasil, no ano de 2015. Trata-se de uma produção literária voltada para o público infantil: são trinta e uma páginas de histórias, em profusão de cores, e com encadernação cuidadosamente ilustrada por Soud³. Na trama, uma garotinha indígena chamada Moína ouve uma história contada por sua avó e conhece o passado do seu povo: a desagregação social e as feridas emocionais causadas pelas invasões aos territórios indígenas. A menina adquire grandes conhecimentos sobre a espiritualidade dos seus ancestrais e descobre o poder e a magia dos cantos e danças. Moína fica feliz por receber, nas palavras da anciã, a herança ancestral que a conecta diretamente com a sua identidade indígena.

Na trama, a personagem protagonista, Moína, entra em contato com sua identidade indígena e com a cultura de seu povo pelo universo das histórias contadas pela avó. A lição contém também o segredo da sabedoria dos ancestrais para o manejo sustentável da terra e para a proteção da biodiversidade. A narrativa, portanto, materializa a força da ancestralidade e o papel da sabedoria feminina como poderoso legado para as novas gerações, bem como revela a profunda conexão das personagens com as energias da floresta. Nela, a indistinção entre os seres (humanos, animais e vegetais) e a natureza, características moventes nos pensamentos indígenas, é revelada pelas opções lexicais e sintáticas empregadas.

³ O ilustrador Rogério Soud, nascido em 1967, no Rio de Janeiro, mudou-se para São Paulo em 1988, quando foi contratado pela Editora Abril para desenhar Histórias em Quadrinhos. Após esse período, trabalhou em estúdios de desenho animado como *cleanup*. Atua também como *freelancer*, fazendo ilustrações para revistas, livros didáticos, paradidáticos e materiais de propaganda. Recebeu os prêmios: Abril de Jornalismo, nas categorias Destaque e Melhor Desenho, Altamente Recomendável pela FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) e o Selo *Gold Medal recipient for Mom's Choice Awards* (nos EUA) pelo livro *Say a Little Prayer do NAACP* (National Association for the Advancement of Colored People).

Há uma estrutura comparativa que aproxima, com base em semelhanças, o universo animal (uma cobra que se enrosca) e o universo vegetal (um tronco de uma árvore) das figuras humanas (a garota e a avó). Evidencia-se no texto de Eliane Potiguara: “Do mesmo modo que uma cobra se enrosca lentamente em um tronco de árvore, assim a garota vai se achegando aos pés da avó para que ela lhe coce a cabeça e acaricie seus longos cabelos indígenas” (POTIGUARA, 2015, p. 7).

Além desse aspecto, o culto à ancestralidade, constitutivo das culturas dos povos originários, aparece como marca intrínseca do texto e é um fenômeno que pode ser percebido no modo das diferentes gerações se relacionarem: de um lado a criança, no auge da curiosidade infantil; de outro, a avó, guardiã matriarca da sabedoria ancestral, conhecedora da tradição do seu povo e responsável pela transmissão desse legado às futuras gerações. A tradição é repassada de geração em geração pela contação de histórias, assim, a oralidade constitui marca fundamental e caracterizadora dessas culturas e baliza a ancestralidade numa perspectiva de fortalecimento dos laços familiares e espirituais. Moína mostra-se sedenta pelo colo e pelas histórias da avó que, por revelar uma experiência cotidiana são, para ela, respectivamente, alimento afetivo e espiritual que vão garantir o fortalecimento da sua identidade. O escritor e contador de histórias amazonense Tiago Hakiy confirma a importância do papel da tradição literária pela oralidade nas comunidades indígenas:

O contador de histórias sempre ocupou um papel primordial dentro do povo, era centro das atenções, ele era o portador do conhecimento, e cabia a ele a missão de transmitir às novas gerações o legado cultural dos seus ancestrais. Foi desta forma que parte do conhecimento dos nossos antepassados chegou até nós, mostrando-nos um caleidoscópio impar, fortalecendo em nós o sentido de ser indígena. Em sua essência o indígena brasileiro sempre usou a oralidade para transmitir seus saberes, e agora ele pode usar outras tecnologias como mecanismos de transmissão. Aí está o papel da literatura indígena, produzida por escritores indígenas, que nasceram dentro da tradição oral, que podem não viver mais em aldeias, mas que carregam em seu cerne criador um vasto sentido de pertencimento. (HAKIY, 2018, p. 38).

O tom familiar e o tratamento maternal contribuem para a complexidade da obra, aproximando-a da escrita autobiográfica, cuja similaridade se evidencia não apenas pela teia narrativa, mas também pelo sugestivo nome da protagonista da

história, uma vez que Moína é, também, o nome de uma das filhas da autora da obra. As experiências vividas pela escritora e as histórias das mulheres indígenas que lhe chegaram pelo contato familiar e pelo engajamento no movimento de lutas indígenas formaram a base de sua escrita feminina com forte lastro na ancestralidade e na identidade indígena aflorada. Tal aspecto, presente em **A Cura da Terra**, permeia a escrita literária da autora e aparece, ainda, de forma bastante perceptível, em outra obra de sua autoria, **Metade Cara, Metade Máscara** (2018). Ademais, a contação de histórias consiste na transmissão do conhecimento pela oralidade, nas comunidades indígenas, com objetivo de educar as crianças e, normalmente, é confiada aos anciãos, aqueles(as) que são conhecedores(as) da sabedoria ancestral, os mais velhos e as mais velhas, os avós.

O eixo da temporalidade localiza esse momento mágico na cronologia do tempo, “Quando cai a noite...” (POTIGUARA, 2005, p. 6), é quando a comunidade, nas aldeias, costuma se reunir em torno da fogueira para compartilhar: o alimento, o canto, as danças e as histórias, enfim, o conhecimento. Como bem argumenta Daniel Munduruku (2017, p. 42): “Foi assim que aprendi a vida de meu povo: ouvindo histórias”. A referência a uma função de formação humanizadora própria ao processo de contar histórias nas comunidades dos povos originários pode ser encontrada nos escritos nos versos do poema “Aldeia *tururucari-uka*”, da escritora indígena Marcia Wayna Kambeba, transcritos a seguir:

À noite *yaci* se aproxima
Chamando o povo para ensinar
O que os mais velhos deixaram
Manifestado na forma de cantar
Nas danças que representam
A cultura imaterial, nossa herança milenar.
(KAMBEBA, 2018, p. 34)

N’**A Cura da Terra**, o diálogo entre Moína e a matriarca da comunidade, descrito nas páginas iniciais, é revelador da personalidade inquieta e curiosa da menina:

[...] A conversa começa sempre com uma pergunta infantil como esta:
- Vovó, por que eu sou criança? [...]
- Mas agora eu estou com sono, vovó. Conte-me uma história, quero ter sonhos bonitos.
- Está bem, vou contar... Preste atenção. (POTIGUARA, 2015, p. 8-10).

Passado, presente e futuro se manifestam nesse diálogo: em uma lição sobre a importância da ancestralidade, a criança busca a sabedoria da avó para compreender as inquietações que lhe assaltam a mente. Na sequência, a criança pede que a avó lhe conte uma história. Nessa sobreposição de narrativas, o passado se imiscui no presente, trazendo esclarecimentos para as dúvidas e compreensão das dinâmicas da vida para o universo da criança. Vale dizer que, como esclarece Daniel Munduruku, as noções de temporalidade no escopo das literaturas de autoria indígena podem ser divergentes se considerarmos os pontos de vista do discurso epistemológico científico e do pensamento indígena:

Para o indígena existem dois tempos: o **passado** e o **presente**. O **passado é memorial**. Serve para nos lembrar quem somos, de onde viemos e para onde caminhamos. Um povo sem memória ancestral é um povo perdido no tempo e no espaço. Não sabe para onde caminha e por isso se preocupa tanto onde vai chegar. O passado é a ordenação de nosso ser no mundo. É ele que nos obriga a sermos gratos, a cantar e dançar ao Espírito Criador. É ele que nos lembra o tempo todo que somos seres de passagem. O outro tempo é o presente. **Para esses povos o tempo que importa é o presente**. [...] Os indígenas são, portanto, seres do presente. Só sabem viver o e no presente. (MUNDURUKU, 2017, p. 49-50, grifos do autor).

Além do tempo, outro ponto salta aos olhos do leitor, pois é a fala da criança que lhe permite intuir a respeito de uma singularidade mística dos sonhos nas culturas indígenas. A pressuposição de que uma história potencializa belos sonhos pode despertar, na mente do leitor não indígena, a compreensão de que, para esses povos, os sonhos podem carregar significados e assumir diversas funções insuspeitáveis por parte de quem não partilha das mesmas concepções oníricas e culturais presentes nessas culturas. Para compreender esses significados de vivência do sonho para os indígenas, buscamos as palavras de Ailton Krenak:

Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou a gente banaliza “estou sonhando com o meu próximo emprego, com o próximo cargo”, mas que é uma experiência transcendental na qual o casulo do homem implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada. Talvez seja outra palavra para o que costumamos chamar de natureza. Não é nomeada porque só conseguimos nomear o que experimentamos. O sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar. Assim como quem vai para uma escola aprender uma prática, um conteúdo, uma meditação, uma dança, pode ser iniciado nessa instituição para seguir, avançar num lugar do sonho. (KRENAK, 2019, p. 65-66).

A maneira como os povos originários de diferentes partes do globo terrestre se relacionam com os sonhos está calcada em uma cosmovisão profundamente conectada com a natureza e a espiritualidade humana. Nessa perspectiva, Glowczewski (2015) tenta explicar que, da mesma forma que a memória, o sonho é algo pertencente ao presente vívido; memória e sonho como manifestações sensíveis e abstratas. A ocorrência dos sonhos pode ser uma das ferramentas para a compreensão do mundo. Tais pressupostos advêm de estudos antropológicos acerca da cultura do povo australiano Warlpiri. Barbara Glowczewski conclui a respeito do sonho:

This is an important to emphasize that the notions of Dreaming and of a dreaming's ancestors – of dreamtime – do not Just refer to the distant, original past. Instead, it is a time-space that simultaneously encompasses the present, the past, and the future, and in wich every possible combination of the elements of existence is stored. There is no notion of new elements, because every element already exists even before it has taken shape, as each element is itself a composite of other elements. In other words, the dreaming includes everythink that is possible; it has no specifiabile beginning point or ending point. It is the condition of life and of every transformation. (GLOWCZEWSKI, 2015, p. 60).

Um sonho que possa, afinal, ser vivenciado para a cura de todas as dores, de todos os males, de toda violência e usurpação. De forma que passado, presente e futuro estejam alinhados para a (re) construção da integridade dos povos indígenas brasileiros e para a libertação desses povos que foram dizimados material e espiritualmente a partir do processo violento de colonização, com as invasões de seus territórios sagrados. Um sonho que contenha a revelação e a descoberta para as curas dos males terrestres, da mesma forma como foram proferidas as últimas palavras da avó, na obra **A Cura da Terra**: “Durma agora, Moína, e imagine o que você pode mudar. Quando encontrar algo errado que a faça sofrer, lembre-se de que é através dos sonhos que a gente cria, recria e promove a cura da Terra” (POTIGUARA, 2015, p. 31).

Em **A cura da Terra**, a resistência se realiza na construção da narrativa, como cosmovisão indígena que subjaz ao projeto literário da obra: as personagens aparecem amalgamadas ao cenário, isto é, elas não são apenas protetoras do bioma litorâneo, mas partes integrantes dele, de tal forma que quando a aldeia foi invadida pela mentira, pela maldade e pelos vícios: “As mulheres adoeceram e

ficaram tristes, não cantavam mais, nem pintavam o corpo. Os homens competiam entre si; cada um queria ser melhor do que os outros e possuir maior quantidade de bens materiais, alimentos e cabras” (POTIGUARA, 2015, p. 11).

Esse movimento atrela-se à visão de um dos líderes espirituais dos yawanawá que reafirma, na condição de guardião e protetor da natureza, que são as florestas, os rios, as plantas e os animais que abrigam os espíritos ancestrais: “Porque eles são nossos protetores [...] São esses pássaros que nos ensinam a cantar. São esses animais, os seus espíritos que nos ensinam a rezar. São essas plantas, essas medicinas que curam vários tipos de doença [...]” (YAWANAWÁ, 2019, p. 36). Conforme ainda as palavras dele:

O Brasil é um país de uma energia muito forte, da própria natureza. Não precisa ser justificado ou explicado nem científica, nem politicamente; é o país que tem o maior volume de água doce do planeta, é o país que tem a maior floresta do mundo. Vivemos na floresta, na natureza, porque é um ambiente que nos inspira, que nos ensina espiritualmente. Eu não trato de religião, eu só falo de espiritualidade, porque religião é como uma associação, um instituto, com estatutos e normas, enquanto a espiritualidade é sagrada. Ela não tem maior nem menor, não tem cor, não tem raça, não tem língua, espiritualidade é sagrada, é universal. Acredito que toda essa energia é isso aqui, esse ambiente, porque aqui é o lugar de dar o exemplo para a humanidade. Sobre a possibilidade de perdoar, de pedir perdão ao Criador pelo dano, a devastação, a agressão que o homem causou à natureza em volta do planeta. (YAWANAWÁ, 2019, p. 100).

Em razão disso, houve reação em cadeia com o sumiço dos valores necessários à convivência harmônica na aldeia, como bondade, cooperação e divisão dos alimentos. Paralelamente, a presença da bebida, entre os indígenas, desencadeou cenas de violência e agressão contra as mulheres, que se repetiram entre as mães e os filhos e, por último, entre as crianças e os animais de estimação. Como consequência, “Os animais sofriam, a terra ficou triste [...] O manguezal secou e os caranguejos e as ostras sumiram. Até os alimentos ficaram tristes.” (POTIGUARA, 2015, p. 13-14). Ao ler trechos como esse, percebe-se que, inerente às subjetividades indígenas, tem-se a relação indissociável e visceral desses nativos com a natureza, principalmente a mulher indígena com a terra e tudo aquilo que ela produz e manifesta. Na descrição da cena da aproximação da criança com a avó, por exemplo, esses elementos se encaixam.

Por outro lado, a ficcionalização do processo de desterritorialização das comunidades indígenas brasileiras em **A Cura da Terra** proporciona certa reflexão importante sobre a proximidade entre os temas e os personagens eleitos e as vivências de Eliane Potiguara, enquanto sujeito histórico. A aldeia trazida para a cena narrada é descrita como: “[...] uma aldeia de nossos antepassados, que ficava à beira do grande oceano azul” (POTIGUARA, 2015, p. 10). A recorrência do lar ancestral dos Potiguaras do litoral norte paraibano torna-se quase automática. Há também a relação maternal entre a autora e a filha Moína, que parece se prolongar na teia narrativa quando a menina interage com a matriarca, a anciã indígena. Nesse aspecto, percebe-se uma aproximação entre a personalidade ficcional da avó e a avó potiguara da autora, que se constitui como âncora da memória ancestral e da identidade indígena de Eliane Potiguara. Percebe-se uma espécie de embaralhamento das funções tradicionalmente atribuídas às instâncias autor, personagem e narrador. Em outros termos, parece haver uma aproximação entre obra e biografia. Vale ressaltar que, na escrita de Eliane Potiguara, esse artifício autobiográfico não constitui novidade, uma vez que se faz recorrente no em **Metade Cara, Metade Máscara** (2018), livro pioneiro bastante representativo da obra e da trajetória de Eliane Potiguara. Nele, a narrativa da diáspora particular – trajetória de fuga da família da autora – e da diáspora coletiva – saga das grandes famílias indígenas – é tensionada em prosa e em verso à medida que se interpreta os movimentos formativos das sociedades indígenas contemporâneas.

4 CONSIDERAÇÕES A EPÍLOGO

A leitura das obras de autoria dos escritores indígenas permite alcançar sentidos outros e conceitos diferenciados para elementos que, sendo familiares ao leitor, são apresentados em perspectivas diferentes. Esse exercício favorece a prática da alteridade e pressupõe abertura e flexibilidade para a compreensão e a harmonia. Em outras palavras, isso equivale a dizer que a leitura da produção literária de autoria indígena faculta ao leitor a ampliação de uma visão crítica e reflexiva do mundo, de forma a combater preconceitos arraigados e promover as

relações de aceitação e de respeito em relação aos povos de diferentes culturas e cosmovisões.

Por outro lado, a produção de **A Cura da Terra** propiciou à autora revisitar, por meio da contação de histórias, seu lar ancestral: a terra dos índios Potiguara que, por ocasião das invasões da indústria algodoeira promoveu, segundo relatos dela própria, a contaminação de recursos naturais como o solo e a água, bem como da opressão sofrida pela população por ocasião do recrutamento para o trabalho semiescravo, provocando o êxodo das famílias perseguidas e vilipendiadas pelos invasores dos territórios indígenas.

Conseqüentemente, o processo de tessitura dessa obra tornou possível a retomada da narrativa da desterritorialização, vivenciada pelas mulheres da sua família no início do século XX e denunciada por Potiguara como um dos principais fatores de desagregação das comunidades indígenas no Brasil. Trata-se das diásporas forjadas, historicamente, no contato com os desbravadores pela expulsão desses povos de seus territórios em razão dos processos violentos de colonização, neocolonização, extrativismos e expansão urbana.

INDIGENOUS SPIRITUALITY AND ANCESTRY IN ELIANE POTIGUARA'S A CURA DA TERRA

ABSTRACT

This paper's focus is to investigate in which ways both indigenous spirituality and ancestry are experienced in the children's narrative **A Cura da Terra** (2015), by Brazilian indigenous writer Eliane Potiguara. It turns out that, in this work, there is the presence of an ethnic cosmovision in which, under autobiographical parameters, as proposed by Rago (2013), the gaze of indigenous woman engenders the compositional process of writing. For that matter, both the writer's individual and collective trajectories, which significantly permeate Eliane Potiguara's literary project, are revealed in this narrative within the nexus of Brazilian's deterritorialization's the violent processes, such as the forced diaspora of indigenous families and their unfoldings. This work combines with the productions and the diffusion of

backgrounds concerning the literary writing of indigenous intellectuals, in order to contribute to the minimization of issues related to prejudice against indigenous people. The qualitative and interpretative bibliographic research will be developed in this analysis seeking the understanding of aspects stem from theoretical texts of indigenous and non-indigenous writers, such as Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Margareth Rago, Márcia Kambeba, Cristino Wapichana, Tiago Hakiy, Julie Dorrico, Biraci Yawanawá, among others.

Keywords: Indigenous Literatures. Eliane Potiguara. **A Cura da Terra**.

REFERÊNCIAS

- DE MELO, Carlos Augusto; COSTA, Heliene Rosa da. A identidade indígena em *Metade Cara, Metade Máscara*, de Eliane Potiguara. In: CAMARGO, Fábio Figueiredo. **Na Literatura, as identidades**. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2014. p. 31-48.
- DE MELO, Carlos Augusto; COSTA, Heliene Rosa da. Identidades femininas indígenas em movimento na poética de Eliane Potiguara. **Letrônica**. Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 361-374, jul.-set. 2018.
- GLOWCZEWSKI, Barbara. **Totemic becomings: cosmopolitics of the dreaming**. Helsinki: n-1 publications, 2015.
- HAKIY, Tiago. Literatura indígena: a voz da ancestralidade. In: **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: criação, crítica e recepção**. Julie Dorrico, Leno Francisco Danner, Heloisa Helena Siqueira Correia e Fernando Danner (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay Kakiry Tama: eu moro na cidade**. 2. ed. São Paulo: Pólen, 2018.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. Literatura indígena: da oralidade à memória. In: Correia, Heloisa Helena Siqueira et ali. (Orgs.) **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: uma nova outra história**. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

MUNDURUKU, Daniel. **Tembetá**. Kaká Werá (Org.). Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial Ltda, 2018.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando2**: sobre vivências, piolhos e afeto - Roda de conversa com educadores. 1 ed. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2017.

POTIGUARA, Eliane. **A Cura da Terra**. 1 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

POTIGUARA, Eliane. **Metade Cara, Metade Máscara**, 2 ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2018.

POTIGUARA, Eliane. **Tembetá**. Kaká Werá (Org.). Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial Ltda, 2019.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

WAPICHANA, Cristino. Por que escrevo? Relato de um escritor indígena. In: **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: criação, crítica e recepção**. Julie Dorrico, Leno Francisco Danner, Heloisa Helena Siqueira Correia e Fernando Danner (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

YAWANAWÁ, Biraci. **Tembetá**. Kaká Werá (Org.). Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial Ltda, 2019.